AVEIRO, 31 DE JULHO DE 1981 — ANO XXVII — N.º 1353

Litoral

SEMANÁRIO

PREÇO AVULSO — 7$50

Director, editor e proprietário — David Cristo
Chefe da Redacção: Júlio de Sousa Martins
— Redacção e Administração: Rua do Dr. Nascimento Leitão, 36 — Aveiro (Tel. 22261)
Composto e Impresso na «Tipave» — Tipografia de Aveiro, Lda. — Estrada de Tabueira — Aveiro (Telefone 27157)

RAMIRO ALEGRIA

«Cheira a Fogo» no DISTRITO DE AVEIRO

É prova provada de que os Bombeiros do Distrito se uniram e se mantêm unidos.

E não foi para provar nada que o Distrito se «uniu» ou se reuniu em Arouca, em Ovar, em Vale Cambra, em Albergaria-a-Velha e, mais recentemente, em Lourosa, para coordenar acções de combate aos fogos que têm grassado por este vasto Distrito, por esta vasta Região.

Só quem de perto e intensivamente viveu tais movimentos pode reconhecer tal união: união dos mais graduados, união dos iniciados, união de uns com os outros, união total e de todos.

Não é por mera carolice que se tomam tais atitudes. São manifestações muito nobres do Voluntariado. São esforços desinteressados que põem em risco a sua integridade física.

Homens que passam dias e noites sem o merecido leito, estômagos castigados sem merecerem castigo.

Abnegação de jovens que, sem se aperceberem da sua heroicidade, firmam em sua mão uma agulheta a resistir a uma língua de fogo que já venceu outros e a ela cederam. Assim como não pensam em si próprios, nem constatam que, com tal gesto, salvaram, para além de muitos hectares de riqueza florestal, as suas próprias máquinas de socorro, estacionadas atrás de si e em serviço.

É preciso fazer justiça a tais méritos.

Ilações a tirar? — Pelo menos, que a força do Distrito está na sua união.

E haverá quem pretenda

Continua na 3.ª página

ORLANDO DE OLIVEIRA

PROBLEMAS DOS NOSSOS DIAS

ALA NORTE do ANFITEATRO

Poderíamos começar:

«Lá do *Pego Negro*, onde o distrito de Aveiro começa e o de Viseu se acaba»...

Com efeito: nesse lugar tão belo e característico, em que as margens do Rio Paiva quase se tocam nas alturas para deixarem entre si apenas um boqueirão donde cai para as águas profundas o calhau rolante, começa praticamente o distrito de Aveiro. São arredores de Sobrado, sede do Concelho de Castelo de Paiva, com largas tradições históricas, de que os aborígenes tanto se ufanam. Estas terras são os píncaros da bancada norte do anfiteatro que é o distrito de Aveiro. Delas se avistam os bancos subjacentes de terras de Arouca, S. João da Madeira, Vila da Feira e Espinho, este último concelho já na parte plana e baixa da enorme sala de aula, perto da mesa do professor, sita em Aveiro.

AROUCA tem a dois passos o curiosíssimo fenómeno da «Frecha da Misarela», na Serra da Freita, e por aí tem a sua origem o rio Caima, que vem enlear-se com o Vouga por alturas de Vale Maior. Será esta a primeira ligação natural entre a zona norte do distrito e as terras aveirenses; o primeiro corredor entre as bancadas, a facilitar o caminho dos «alunos» que queiram ou preci-

Continua na 6.ª página

Primeiro Prémio para CERÂMICA ALELUIA

Na CERÂMICA 81 — 3.ª FEIRA NACIONAL DE CERÂMICA, que se realizou, de 17 a 26 do corrente, no Parque de D. Carlos I, nas Caldas da Rainha, a reputada firma de Aveiro ALELUIA, CERÂMICA, COMÉRCIO E INDÚSTRIA, S.A.R.L. (continuadora dos méritos firmados, desde 1917, pela distinta família Aleluia, cujo nome foi religiosamente preservado), alcançou o PRIMEIRO PRÉMIO, entre cerca de três centenas de exposi-

Continua na 3.ª página

ARCA DE ANTIGUIDADES

HUMBERTO LEITÃO

A VIA FÉRREA E A CIDADE

Colhemos em Marques Gomes a seguinte circunstanciada informação:

Desde que o Ministro das Obras Públicas Carlos Bento da Silva apresentou ao Parlamento, em 14 de Abril de 1857, um projecto de lei para aprovação de um contrato com «sir» Morton Betto para a construção de um caminho de ferro de Lisboa ao Porto, Aveiro acalentou a esperança de poder utilizar-se desse importantíssimo melhoramento. Aquela esperança, porém, esteve em risco de perder-se totalmente, por mais de uma vez, porque alguns dos traçados estudados afastavam-se muito da cidade. Pelo que havia estudado o Eng.º Watier, em 1856, o caminho de ferro do norte atravessando o Mondego, próximo de Coimbra, deixava as águas deste rio na Pampilhosa para seguir o Cértima, atravessando o Vouga perto de Angeja, aproximando-se de Estarreja e Ovar para, em seguida, se dirigir à margem esquerda do Douro.

Tendo o Eng.º Morton Betto feito o contrato com o Governo em 1857, mandou proceder a novos estudos; e, segundo estes, Aveiro era ponto obrigado da mesma linha, **devendo ficar a estação no Rossio.** Este contrato, porém, foi rescindido em Junho de 1850; e,

Continua na 3.ª página

A renovação do MUSEU DE AVEIRO

NATÁLIA GUEDES

EVOLUIU profundamente, mas de maneira muito rápida, o papel atribuído aos Museus na vida cultural das comunidades. Simples repositórios de obras e documentos históricos, os Museus são hoje encarados como núcleos activos e dinamizadores da actividade criativa das populações, centros de estudo e investigação abertos e participantes.

É evidente que tal evolução obrigou a modificações nas estruturas técnica, administrativa e humana dos Museus, o que, entre nós, nem sempre se conseguiu, face a um sem número de limitações, desde já as de ordem jurídica ou financeira. Assim, alguns Museus encontram-se, hoje ainda, impossibilitados de desempenhar um papel que lhes é

Continua na 3.ª página

Achegas para a HISTORIOGRAFIA AVEIRENSE

J. EVANGELISTA DE CAMPOS

LXXXVIII

Na ACHEGA LXXXVII, publicada no n.º 1351, de 17 de Julho, dizia eu que deixaram de percorrer as nossas ruas os **amoladores.**

O certo é, porém, que, nessa semana vários amigos chamaram a minha atenção para o facto de um desses «industriais» ter aparecido em várias ruas; e, até eu ouvi, em minha casa, o som da flauta (devo chamar-lhe **flauta** ou **gaita?**) com o toque característico com o qual os amoladores se faziam anunciar. Como o não vi, não me foi possível verificar se seria o Ramiro, aquele que se especializou não só no arranjo das ferramentas caseiras, como, também, na preparação das de mais fino corte, como navalhas de barba e outras. Se não me engano, era ele quem preparava as ferramen-

Continua na 3.ª página

Portugal vai ardendo!

MARCOS

CLARO que não quero ser tão brutal como aquele locutor da RDP que, a certa altura do noticiário, espalhou pelo País fora esta calamitosa informação: «Portugal está a arder!». Mas como, por mal dos nossos pecados, quase diariamente o chamado parque florestal nacional vai minguando por via dos incêndios que se verificam por toda a parte, parece-me mais próximo da verdade e menos sensacionalista dizer

Continua na 3.ª página

Em Agosto, férias do

Numa ou noutra semana, em que o dia da expedição (ou da impressão) do «Litoral» coincidiu com um feriado, temos protelado a sua saída para a semana imediata. Nunca, porém, ao longo de mais de um quarto de século de existência, se gozaram férias nesta casa. E quem trabalha no «Litoral» (apenas nos referimos aos encarregados da sua administração, já que os demais continuariam, na falta de quem os substituísse, a prescindir do seu humaníssimo descanso...) tem legal e humano direito a férias. Por isso decidimos ir... até à praia, no mês de Agosto, que amanhã começa, formulando votos de estivais felicidades para os nossos prezados colaboradores, leitores e anunciantes.

O próximo número sairá, assim, na sexta-feira imediata ao termo do referido mês, ou seja, em 4 de Setembro.

Fechar de parêntesis numa série de Digressões Dissaboridas

EDUARDO CERQUEIRA

Meu prezado Gaspar Albino:

Uma data comprometida por determinação largamente antecipada de um facultativo eminente e que não podia deixar de acatar, e uma consequente digressão de fraternos propósitos, não me permitiram a resposta de agradecimento e comentário que naturalmente daria, como era obrigação... «na volta do correio». Não me permitiram fechar este parêntesis de cavaco, ameno e afectuoso, nesta sobrevivência arrastada, rotineira e silenciosa. Neste subsistir, em que me senti abanado e atiçado, involuntariamente, de auto-demissão subtractiva, ainda que vaga e epidermicamente participante. E franca e dilectamente alheada, senão quando sucede dar, sem querer, alguma indesejável topada, física ou sentimental. Como agora vem sendo, por benigna libe-

Continua na 6.ª página

— Então, as últimas ?
— O quotidiano: os preços sobem... as matas ardem... os órgãos de soberania machucam-se...

Vamos de encontro à face da dúvida... para lhe dar rosto.
Atacamos a rotina, para vencer.
Somos a ideia do seu corpo. O músculo da sua ideia.
Um pulmão que respira consigo.
E que aspira por si — dando por isso.

A nossa agressividade é a consciencia de um gesto. Somos agressivos!
O seu desejo, o seu objectivo, o que planeou, estruturou,
o que (porque não?...) sonhou, está em nós, aqui, neste Gesto.
Você, vocês, a vossa Empresa, nós **STORM***
Hoje convosco, LACTICOOP,
pelo fruto do vosso sonho realizado: IOL — a bebida de iogurte.
O nosso Gesto. Com alegria. Num abraço.

* (Definição da Enciclopédia Britânica): Tempestade, vendaval, agitação.
Agitação de espírito (em sentido figurado).

storm AGÊNCIA DE PUBLICIDADE, S.A.R.L.
Rua Tenente Ferreira Durão, 33 r/c. 1300 LISBOA — Tel.: 65 26 13 - 68 84 42
Rua Sá da Bandeira, 784, 5.º E-F 4000 PORTO — Tel.: 31 89 26

HISTORIOGRAFIA AVEIRENSE

Continuação da 1.ª página

tas de corte da Casa de Saúde da Vera-Cruz e, durante muito tempo, as do Hospital.

O Ramiro está, com a sua oficina, pelo menos uma vez por semana, à porta do Mercado Municipal (que, também, já se chamou de **Manuel Firmino**); e porque sei disto, não tive dúvida em dizer que já não se via percorrer as ruas da cidade os **amoladores**, pois sabia que o Ramiro não tinha ruas citadinas: a clientela procurava-o no local onde ele estaciona a sua oficina.

O que apareceu nessa semana seria outro que, por cá, **arrolou?**

Outros dos profissionais que desapareceram das ruas, foram os **funileiros** ou **latoeiros**, à porta.

Antigamente, os industriais desta especialidade tinham muito que fazer, visto que os apetrechos de cozinha, ou eram lata (folha-de-flandres), ou de barro vermelho (vidrado) ou preto. Só mais tarde apareceram os de ferro fundido, os de ferro esmaltado, os de alumínio repuxado e os de alumínio fundido, sendo estes concebidos, especialmente, para cozinhar sobre os discos dos fogões eléctricos.

Também de lata, e de chapa zincada, eram as bacias, mesmo aquelas que se destinavam a tomar banho, os baldes, os regadores, etc., etc., que se iam rompendo com o uso; e, porque estávamos em **sociedade de poupança,** havia que os consertar, pondo-lhes **pingos, cravos, fundos,** etc., para que esses apetrechos continuassem a servir por mais algum tempo e não fossem atirados ao lixo, ao contrário do que hoje aconselham os que se proclamam partidários da **sociedade de consumo.**

E tais serviços eram feitos por esses **funileiros** que, pelas ruas, à porta do freguês que deles necessitava, se deslocavam com as suas oficinas ambulantes, fazendo-se anunciar berrando por uma espécie de funil (possivelmente o inspirador dos actuais **megafones).** E tinham muito que fazer.

Havia — dizem-me — uma dona de casa, na Beira-Mar, que todas as semanas tinha serviço para o **funileiro** à porta.

As oficinas de latoeiro que, em Aveiro, faziam obra nova — afamada pela sua perfeição — foram desaparecendo. Suponho que só existe a que pertenceu a Dionísio Coelho da Silva, na Rua dos Combatentes da Grande Guerra, o qual, nas feiras onde ia vender os seus artigos, um dia mandou distribuir uns panfletos com o seguinte reclame: «Já disse, digo e repito — quem dá cartas é o **Rei Maldito!**» (nome pelo qual ele, e os seus dois irmãos, estes chapeleiros, eram conhecidos.

Até pouco tempo antes de morrer, o **Necas,** na sua oficina de latoeiro junto da Sociedade Recreio Artístico, no local onde, hoje, está «O Serão» (estabelecimento de lãs e confecções para criança), substituiu os **funileiros à porta,** resolvendo os problemas que apareciam às donas de casa.

Voltando atrás, quero dizer que as banheiras que nesse tempo existiam — e só as havia em casas ricas — eram de zinco e, para nelas se tomar banho, tinham que enchê-las e vazá-las com baldes, pois não havia, nem canalizações de água, nem esgotos a que elas estivessem ligadas. De zinco eram, também, os objectos destinados a tomar **semicúpios** que eram muito aconselhados pelos médicos para determinados tratamentos.

Às panelas e aos tachos de esmalte, quando se rompiam, eram aplicados fundos de lata, para continuarem em uso, e as asas, quando se soltavam, eram cravadas com rebites de cobre.

E tudo isto era serviço que os funileiros faziam.

Outros profissionais que iam trabalhar, a dias, para casa dos fregueses, eram as costureiras (e, até, alfaiates).

Além das que viviam em Aveiro, vinham, de Ílhavo, a pé, grupos de raparigas e mulheres feitas, para **este efeito;** estas últimas eram as **mestras,** que já tinham a sua clientela e se faziam acompanhar das **aprendizas** de que necessitavam para o seu trabalho: obra nova, arranjo de vestidos e de calças, adaptação das roupas dos filhos mais velhos para os mais novos, remendar roupas interiores e as de uso doméstico.

E, ao sábado, lá voltava aquele bando de cachopas para Ílhavo, sendo acompanhadas, até ao Eucalipto (lugar onde, hoje, se cruza a Rua do Dr. Mário Sacramento com as estradas da Variante, e de Aradas e a de Ílhavo) por rapaziada de Aveiro, com o que os seus patrícios davam «muita sorte», chegando a haver brigas, quando os ilhavenses vinham esperá-las.

Se, porventura, entre uma ilhavense e um aveirense já havia «derriço», este não avançava para além de Verdemilho — e já era atrevimento —, pois teria de enfrentar os de Ílhavo, que já se julgavam dentro dos limites do seu território, e, então, eram provocadores e atrevidos.

J. EVANGELISTA DE CAMPOS

A Via Férrea e a Cidade

Continuação da 1.ª Página

tendo-se realizado em Setembro seguinte um outro com D. José Salamanca, ficou assente que a directriz do caminho de ferro do norte seria a escolhida pelo Eng.º Watier, isto é, aquela que arremessava a linha férrea para longe de Aveiro. Pretendia-se evitar o grande aterro das Agras (Aveiro), a ponte do Pano e o viaduto de Esgueira.

José Estêvão interveio. A luta foi porfiada, mas a vitória coube ao tribuno.

Os trabalhos foram encetados em Agosto de 1861, sob a direcção do Engenheiro francês Valentin de Mazade; os estudos do novo traçado foram realizados pelo Engenheiro belga Lurenier, e estavam concluídos em Junho daquele ano.

A construção foi aqui bastante demorada e dispendiosíssima, em resultado do valor dos terrenos que foi mister expropriar, e das duas grandes obras-de-arte que tiveram que se fazer: o viaduto de Esgueira e o aterro das Agras.

O viaduto de Esgueira, construído sob a direcção do Engenheiro inglês Wilson, é formado por seis vigas metálicas de 30 metros cada uma, assentes sobre duas ordens de pilares tubulares, que foi necessário cravar até à profundidade de 27 metros, para chegar a terreno sólido, e dois estribos de cantaria. Naquela profundidade apareceram fragmentos de madeira, o que veio confirmar a tradição constante de que no local, em épocas mesmo não muito remotas, se haviam fabricado navios de grande lote.

Junto ao mesmo local onde se ergue o viaduto existiu, segundo parece, a Alfândega da Vila de Esgueira, havendo também, próxima, uma propriedade conhecida pela **Cova do Bacalhau** (ainda hoje por ali passa um troço de estrada designado por **Barroco do Bacalhau)** que, segundo a tradição, tira o nome do facto de haver naufragado por ali um navio com aquela carga.

Os tubos foram depois reforçados com uma muralha de betão e pedra, de 5 metros de altura.

O viaduto de Esgueira foi atravessado pela primeira vez em 18 de Julho de 1863. O **Campeão das Províncias** noticiou assim o facto:

«No sábado, pelas 10 horas da manhã, Aveiro estava quase despovoada. Imensa concorrência de pessoas de todas as classes sociais estanciava nas eminências adjacentes à ribeira de Esgueira àquém e além da ponte do caminho de ferro porque devia o comboio percorrê-la, desvanecendo assim as apreensões públicas.

Já tinham dado 11 horas quando se avistou a locomotiva que magestosamente caminhava do norte, parando na avenida da ponte.

A ansiedade pública cresceu, conquanto se soubesse que a ponte havia sido experimentada com 235 toneladas, isto é, 8 vezes mais que o peso do trem ordinário.

Quando o comboio entrou na ponte de Esgueira muitas centenas de foguetes estouraram nos ares. A multidão tornou-se mais compacta, porque todos queriam presenciar a experiência, que se antolhava medonha, e portanto sublime de horror. A locomotiva entrou com inteiro desassombro dos que iam dentro dos carros, tocou a avenida do sul, e a multidão respirou, vendo inteiramente dissipados os seus receios e realizadas as suas esperanças.»

O aterro das Agras, que tem a extensão aproximada de 200 metros e a altura de 11, sorveu um volume de terras de 80.000 metros cúbicos; trabalharam ali diariamente, durante um ano e tanto, mais de 2.000 pessoas. Por muitas vezes a terra que hoje era lançada num ponto aparecia no dia seguinte ao lado, de forma que, em vez de um, pareciam três os aterros que se estavam fazendo. Isto era resultado do solo ser roto e inconsistente.

Em fins de 1862 foi escolhido o local para a Estação, no sítio chamado **Vale de Curvo;** e, em 10 de Abril de 1864, fez-se a inauguração oficial da via férrea. Dela relatou o **Campeão:**

«Foi dia de festa para Aveiro o da inauguração do caminho de ferro do Porto a Taveiro. Logo às 8 horas da manhã o povo, não só da cidade mas também das aldeias vizinhas, afluía à Estação de Vale de Curvo, que se achava toda embandeirada, flutuando na janela do centro o pavilhão da municipalidade. As duas filarmónicas da cidade estavam no cais da Estação. A estrada provisória, aberta em dois dias e meio a expensas da Câmara Municipal, deu cómoda passagem, e achava-se literalmente coberta de transeuntes.

Pouco depois das nove horas chegou o comboio de Coimbra; tocaram as músicas, estouraram no ar milhares de foguetes. O entusiasmo comunicou-se rapidamente a todos os espectadores que vitoriaram o maravilhoso invento. Poucos segundos depois apareceu o comboio do Porto, sucedendo-se as mesmas demonstrações de público regozijo. Não havia festim oficial, mas houve demonstrações do mais puro quilate, porque eram espontâneas e sinceras, como tudo quanto sai do povo.»

Para o local em que foi edificada a Estação havia apenas um caminho vicinal. Meses depois baixava ordem do Ministério das Obras Públicas para que se estudasse uma estrada que ligasse a Estação com a cidade. Era então titular daquela pasta o sr. João Chrysóstomo de Abreu e Sousa; e, em 6 de Julho de 1864, principiavam os trabalhos da estrada ou rua da Estação (actual rua de Cândido dos Reis), na extensão de 870 m., concluindo-se em 24 de Outubro do mesmo ano. O custo da obra, incluindo as expropriações, foi de 4:152$900 réis.

Além destas há mais duas estradas ligando a cidade com a Estação, e são o ramal da Estrada Real n.º 41, do Passo de Nível até ali, na extensão de 360 m., e o chamado **Caminho Americano,** que vem até ao Cojo. Aquela foi feita a expensas do Estado, e este da Câmara Municipal.

HUMBERTO LEITÃO

Cerâmica Aleluia

Continuação da 1.ª página

tores, nacionais e estrangeiros. Tal prémio (único) foi concedido pelo BANCO PINTO & SOTTO MAYOR: uma significativa e valiosa estatueta.

A propósito diremos que a REVIGRES (de Águeda) e a RECER (de Oliveira do Bairro) também se fizeram representar no importantíssimo certame, com mostras das respectivas e magníficas produções, que (nós vimos!) despertaram a atenção e fartos encómios dos visitantes.

De parabéns, pois, os ceramistas da tão vasta, histórica e reputada REGIÃO CERÂMICA aveirense.

Portugal vai ardendo

Continuação da 1.ª Página

que «Portugal vai ardendo», como um corpo que está a ser cruelmente cremado pela incúria de uns e o crime doutros.

«Portugal está a arder!», para causar mais emoção, e tudo isto para explicar que, no dia anterior, se haviam registado 35 fogos em zonas florestais com sério risco para algumas povoações e casas isoladas, que só escaparam graças ao altruísmo e esforço dos Bombeiros, por vezes ajudados por civis e militares, todos eles empenhados numa luta desesperada contra as chamas, na maior parte das ocasiões sem água e todo o demais material apropriado para o efeito!

Lamentavelmente, todos os anos e por esta altura, a tragédia se repete, queimando-se hectares e hectares de terrenos arborizados, pinhais, muitos deles o único rendimento dos seus proprietários, e a Imprensa descreve as áreas abrangidas, os estragos causados, as horas amargas passadas, com todas as lamentações possíveis e imagináveis, num coro que parece não chegar aos ouvidos das entidades responsáveis pela segurança, para efeitos de uma firme tomada de posição a tal respeito.

Fala-se em fogo-posto na maioria dos casos (vários focos de incêndio ao mesmo tempo e em locais dispersos), mas ninguém é denunciado, apanhado ou preso.

Fala-se muito vagamente, sumidamente e sem consistência.

Fala-se em piqueniques, em gente descuidada que não pensa nas consequências — e pronto... soma e segue!

Tem-se a impressão de que não há força, nem autoridade, nem inteligência, nem decisão para tentar a montagem de um sistema de prevenção ou de actuação contra os fogos desta natureza, nem que seja, pelo menos, um poucochinho mais eficaz do que o existente, se porventura algum existe levado a sério.

Nem força parece existir para obrigar à limpeza das matas (se não for obrigatoriamente, entre nós, nada feito), talvez, de tudo, o mais elementar e, possivelmente, de grande relevância.

Na verdade, deixar-se acumular junto das árvores montes e montes de caruma e outras folhas secas, ramos frágeis e ressequidos, tojos, etc., materiais que ardem à mais pequena chama contaminadora, é o mesmo que fazer o convite aos criminosamente intencionados ou à garotada inconsciente, para não acusar outros, que lhe peguem fogo!

Acusam-se os pirómanos — que os há — e acusam-se os criminosos que trabalham a soldo de forças clandestinas e que assim vão reduzindo a cinzas uma das poucas riquezas que ainda nos restam. E eis tudo! Assim vai acontecendo, hoje, amanhã e por diante, sem que, todavia, se saiba se, na verdade, de ano para ano, as coisas melhoram, estacionam ou vamos ficando cada vez mais combalidos e pobres.

Dir-se-ia que o nosso desventurado País está pagando todas as maldades que a sua gente tem feito, ajustando contas com o Juiz Supremo por todas as iniquidades cometidas por muitos homens responsáveis que teimam em não fazer bom uso das responsabilidades que assumem. O País está pletórico de «Neros», que cometem perversidades, injustiças, proteccionismos e irregularidades; que assistem insensíveis à redução a cinzas de muita coisa válida, por vaidade e incompetência; mas, no fim dos fracassos que se sucedem, falta-lhes a coragem para se liquidarem a si

Conclui na página cinco

Museu de Aveiro

Continuação da 1.ª página

atribuído, e exigido até, pela população.

Tem sido, por isso, preocupação dominante do IPPC, nesta matéria, encontrar para cada caso as soluções que melhor se adaptem às condições específicas de cada Museu, e de cada comunidade, quer integrando-os no Departamento respectivo, quer corrigindo deficiências técnicas, quer ainda reforçando, temporariamente, os quadros de um Museu à custa de outros, etc.

Casos há que, pela sua importância, obrigam a recorrer a todo um conjunto de medidas, desde a realização de obras até ao apoio técnico ou administrativo. Foi o que aconteceu com o Museu de Aveiro. Com efeito, o IPPC, com a colaboração dos Serviços interessados da D.G.E.M.N. e recorrendo ao apoio dos técnicos mais credenciados do Museu Nacional de Soares dos Reis, empreende, desde o início de Julho, a renovação do Museu de Aveiro, por forma a que este possa desempenhar o importantíssimo papel que lhe cabe na vida cultural da cidade, contando para isso com a preciosa ajuda das autoridades distritais.

NATÁLIA GUEDES

«Cheira a fogo» no DISTRITO DE AVEIRO

Continuação da 1.ª Página

diminuir tal força? Se há, creio que a sua própria força possa fazer resistência às contra-forças!

Repartir a Federação dos B.D.A. seria diminuir a sua força, seria quebrar a sua eficiência, o que, nas referidas coordenações de acção, se demonstra.

Eis um dos perigos da desREGIONALIZAÇÃO desta REGIÃO.

No entanto, uma coisa me parece certa: a união dos B.D.A. é anterior a tal ideia e dificilmente será destruída.

Faço votos para que outros sectores se unam identicamente. Não haverá força que nos desuna e com vantagens para o próprio Distrito, mesmo que os contrários nos obriguem a prová-lo, como o fazemos. Sem querermos provar nada, estamos a dar uma prova.

Oliveira de Azeméis, 22.7.81

RAMIRO ALEGRIA

Litoral

Correspondendo a disposição legal obrigatória, dimanada do Ministério da Comunicação Social, informa a Administração deste semanário que a tiragem média do «Litoral» correspondente ao mês transacto foi de 12.500 exemplares.

AGROVOUGA/81

Conforme aqui tempestivamente prometemos, o magno acontecimento que, durante 9 dias, decorreu em Aveiro e encerrou em 19 do corrente, será trazido a estas colunas.

Podemos referir que, na próxima edição, será dado à estampa um esclarecedor escrito, da pena do nosso distinto colaborador e reputado Médico-Veterinário Dr. Francisco José Barbado.

Gente do Foro em AMPLEXO VIANA/AVEIRO

No pretérito sábado, e em louvável organização do ilustre causídico, com escritório na Comarca de Aveiro, Dr. Armando França, reuniram-se, nesta cidade, magistrados, advogados, funcionários forenses e respectivas famílias, que, em fraterno abraço, reviveram a já antiga fraternidade entre as duas Cidades/Irmãs.

Houve um desafio de futebol, almoço regional na Pensão Jardim, no Forte da Barra, e passeio pela Ria.

Reinou a alegria, exuberantemente manifestada com cantares e danças.

Assim se retomou uma tradição, há alguns anos esquecida. Às gentes do Foro, o nosso sincero aplauso.

O próximo encontro será em Viana, no dia 10 de Outubro próximo.

«Boletim da ADERAV»

Saiu recentemente dos prelos o número 4 do «Boletim da ADERAV» (Associação de Defesa do Património Natural e Cultural da Região de Aveiro), que, à semelhança dos anteriores, insere temas do maior interesse, entre eles: «Figuras da Região: Padre José Tavares Camelo» — por Américo Barata Figueira; «Por Terras de Arouca: quatro antigas oficinas oleícolas» — por Henrique J. C. de Oliveira; «Sobre a qualidade da água na Ria de Aveiro» — por Aristides Hall; «13 de Maio de 1951: grande vitória para Aveiro» — por Amaro Neves; «Sobre a emigração e destinos da emigração portuguesa» — por Jorge Arroteia; «Antologia literária de Aveiro: frei Luís de Sousa, historiador de Aveiro» — por Telmo Verdelho; «Salvemos o moinho de Aveiro» — por Eduardo Cerqueira.

«SELOS & MOEDAS»

Da conceituada revista da Secção Filatélica e Numismática do Clube dos Galitos, sob superior e autorizada direcção de Vítor Falcão, saíram os números 60 e 61, correspondentes, respectivamente, a Abril e Julho do ano em curso.

Para além de oportuno noticiário, e da relevância dada a importante temática no âmbito das respectivas especialidades, as mais recentes edições de «Selos & Moedas» inserem valiosos escritos do Director, de Manuel Fernando Guerra Lopes, de João Godinho, de André Dufresne, de Guy Podevin, de Jorge Luís P. Fernandes, uma carta de Luís Gonçalves Vicente, a costumada rubrica de J. A. Capão Filipe — sendo de evidenciar o estudo de Rafael Salinas Calado sobre «Cinco séculos de azulejo em Portugal», assunto ao qual também Vítor Falcão alude no «Limiar» do primeiro dos citados números.

CURSILHOS DE CRISTANDADE

Realiza-se, no dia 5 de Agosto próximo, o 41.º Cursilho de Cristandade para Homens, no Seminário de Calvão (Vagos).

A intendência colectiva será no dia 6, na Gafanha da Nazaré, pelas 22 horas, junto à igreja paroquial.

A clausura terá lugar, como habitualmente, na Sé de Aveiro, pelas 22 horas.

Notícias do PSD

Na sua qualidade de Presidente do PSD, o Primeiro-Ministro, Pinto Balsemão, presidiu, na manhã de 19 do corrente, à assinatura do contrato de compra do andar para sede local do Partido e conferiu posse aos membros recentemente eleitos para as comissões distrital e concelhia, sendo que, para a primeira haviam sido eleitos Presidente e Vive-Presidente, respectivamente, a prof.ª Maria de Lurdes Breu (que preside também à Câmara Municipal de Estarreja) e o Comandante Faria dos Santos, Deputado, por Aveiro, à Assembleia da República; a presidência da Comissão Concelhia foi conferida a Alfredo de Almeida.

No almoço, que se seguiu, usaram da palavra, além dos referidos empossados, o Governador Civil, Dr. Raimundo Rodrigues, e o Vice-Presidente nacional do PSD e Deputado pelo Círculo aveirense, Eng.º Ângelo Correia, que, em certa altura, acentuou que «estavam a retirar verbas ao nosso Distrito, que é exemplo de actividade, de produtividade, o primeiro em muitos sectores, o terceiro em geral», e fez este apelo a todos os Deputados por Aveiro: «Pouco se tem falado da nossa terra no hemiciclo de S. Bento; é preciso que justiça nos seja feita. Não precisamos de favores; só queremos aquilo a que temos direito».

UNIVERSIDADE DE AVEIRO

● CURSO DE JORNALISMO

Num jantar-convívio, promovido pelos alunos do Curso Livre de Comunicação Social, que, durante dez meses, foi ministrado na Universidade de Aveiro pelo jornalista, e Chefe da Redacção do «Litoral», Júlio de Sousa Martins, foi feita a distribuição de diplomas de presença e aproveitamento a 23 (limite fixado pela Reitoria) dos 30 alunos inscritos.

A iniciativa deverá repetir-se no próximo ano lectivo, já que é elevado o número de interessados em frequentar o Curso.

Entretanto, está em fase de execução um jornal para distribuição gratuita, designadamente a órgãos da Comunicação Social e aos estrangeiros que colaboraram na iniciativa, a todos os títulos frutuosa.

● «HISTÓRIA DAS ARTES DO FOGO»

No dia 24 de Julho foi dada a última aula, deste ano, da Disciplina HISTÓRIA DAS ARTES DO FOGO (Cerâmica e Vidros), integrada no CURSO DE FORMAÇÃO INTEGRAL, da UNIVERSIDADE DE AVEIRO, e regida, como nos anos anteriores, pelo Dr. David Cristo.

Aberta à frequência — como também antecedentemente o fora —, não só a alunos universitários (que elegeram tal Disciplina como Optativa), mas, ainda, a ouvintes, registou-se, este ano, a presença de mais de meia centena de participantes, contando-se, entre os ouvintes, professores e estudantes dos diversos graus de Ensino, artistas plásticos, engenheiros, licenciados em Direito, gerentes e empregados industriais e comerciais e funcionários públicos.

Houve duas aulas práticas, com visitas às oficinas da «CERCIAV» e ao MUSEU HISTÓRICO DA VISTA ALEGRE, sendo a primeira guiada pelos professores Fernando José da Rocha Morgado e Francisco José Romão Machado e, a segunda, pela Dr.ª Maria Fortes — todos estes frequentadores-ouvintes das aulas.

À semelhança do que, neste âmbito, sempre se tem feito, o início das aulas do próximo ano lectivo será tempestivamente anunciado, para efeito de inscrições.

Constituída em Aveiro uma ASSOCIAÇÃO EVANGÉLICA

Por iniciativa de um grupo de trabalhadores, foi recentemente constituída uma associação evangélica que se designa «NOVA ACÇÃO CRISTÃ» (N.A.C.), que se propõe: promover a difusão do Evangelho de Cristo e da Bíblia, a distribuição de literatura cristã e evangélica, a criação de círculos de estudo bíblico nos locais de residência e de trabalho; contribuir para o ressurgimento da Igreja de Lar, como célula-base de uma nova vivência cristã; e contribuir para a unificação do CRISTIANISMO — cooperando com todas as Igrejas Evangélicas e associações congéneres na realização de palestras, seminários e encontros.

«III FESTIVAL DA CANÇÃO JOVEM — SANTA JOANA PRINCESA»

Em reiteração do que já realizara nos dois anos anteriores, o «Núcleo Cultural» de jovens da Paróquia de Santa Joana Princesa levou a efeito mais um Festival da Canção, — com o nome da Padroeira, — iniciativa integrada nas actividades locais com o objectivo de despertar a criatividade poético-musical da juventude.

Um júri de selecção apurou doze canções de concorrentes oriundos de diversas localidades da região de Aveiro, as quais foram apresentadas na final, realizada no pretérito sábado, no salão da igreja paroquial (Quinta do Gato) e que foram acompanhadas pelo reputado conjunto musical aveirense «Mandrágora».

Oxalá que a feliz iniciativa, que despertou compreensível interesse, se continue em anos futuros.

Mais um fraterno convívio na VISTA ALEGRE

Já oportunamente foi referido nestas colunas que a dinâmica gerência da Fábrica da Vista Alegre encerrou as tradicionais festas em honra da Padroeira da empresa, Nossa Senhora da Penha de França, com um animado almoço, no fim do qual homenageou os seus reformados e os que completaram 50 e 25 anos de serviço. Este acontecimento, que se realizou no último sábado do pretérito mês de Junho, reuniu quantos trabalham na tão conceituada produtora de porcelanas, das mais reputadas a nível mundial, e foi mais um abraço, sem distinção de cargos ou de funções, da **família** da Vista Alegre.

Mas não foi esse fraternal convívio o único ponto culminante das celebrações: como tem acontecido em anos anteriores, para além das solenidades religiosas, outros números atingiram a usual relevância e despertaram público interesse, entre eles as «rifas» das loiças. Causa apreensão os milhares de pessoas que afluem aos locais do sorteio: vêm de todos os lados, muito antes da abertura, formam bichas junto aos «guichets», na ânsia de bilhetes, e pela noite já alta lá vão com cestos, malas, sacos ou caixas a abarrotar.

A Festa foi mais um motivo para enriquecer o património familiar; e, se há coisas supérfluas, outras são de necessidade corrente.

Mas a Festa não é, porventura, só isso — há mais, fora da barafunda das quermesses: há o abraço amigo de familiares que se visitam após um ano ou mais de ausência, o encontro de Fábrica com Fábrica, o recreamento de jogos e desportos, a competição amigável, e prémios para o labor contínuo de meio século ou um quarto de século, ao serviço da Fábrica; e este é um dos pontos altos da Festa.

Se receber uma medalha e outros prémios implica uma decadência na curva da vida, a tal se contrapõe a satisfação implícita na concordância do labor quotidiano e o preceito de um trabalho profícuo.

Eis aqueles que os conseguiram: com 50 anos de serviço — João Esteves de Almeida e César Augusto de Figueiredo; com 25 anos — Manuel de Sousa André, Mário Martins de Oliveira, Francisco Manuel de Castro Vidal, Henrique Manuel Morgado Frederico Santos, João Manuel da Maia Franco, Dinis Nunes da Silva (estes da Fábrica), Anatilde da Conceição Santos (da Sede), Manuel Fradinho Domingues e José Paulo da Silva Almeida (estes da «Interdecal»).

Precedendo a entrega dos prémios, falaram: o competente e dinâmico Engenheiro-Director, Faria Frasco, que acentuaria, a dado passo da sua pertinente alocução, que «não são fáceis os tempos que vivemos» porque «esquecem os homens muito facilmente os seus deveres em busca de direitos que nem sempre lhes assistem» e, acrescentou, «estamos num mundo que nem sempre compreende que a amizade é a única forma sensata de se encontrar a paz que nos escasseia», sendo «necessário um esforço, de parte a parte, para quebrar barreiras que nos dividem, darmo-nos as mãos, olharmo-nos como amigos que querem continuar uma obra que não é só nossa porque também pertence a quantos por aqui passaram, lutando e sonhando com uma Vista Alegre melhor e mais fraterna»; e seguiu-se-lhe no uso da palavra o operoso Presidente do Conselho de Administração, Dr. João Alberto Pinto Basto, que culminou as suas pertinentíssimas considerações formulando o voto de que «os exemplos de competência, de esforço, de coesão e de dedicação daqueles que nos precederam nos guiem e ajudem, a todos nós, a continuar a servir dignamente a herança e o prestígio do nome da Vista-Alegre».

Foi compenetradamente evocada a memória dos que, não sendo já deste mundo, deixaram o seu nome ligado ao prestígio da empresa, designadamente a do Conde de Borbone, recentemente falecido, e que, até ao fim da vida, superiormente a dirigiu.

●

Uma Festa passou, mas outra virá; mais prémios serão concedidos e, em casos como este, é com gente que se faz história.

J. C. LOUREIRO

Reunião, em Castelo de Paiva, da ASSEMBLEIA DISTRITAL

Hoje, às 14.30 horas, terá início, em Castelo de Paiva, uma reunião extraordinária da Assembleia Distrital, com vasta e importante Ordem de Trabalhos.

A circunstância de se ter escolhido um concelho diferente do da Cidade-Capital do Distrito, obedeceu ao louvável propósito de incentivar a descentralização administrativa — seguindo-se, em rotativismo, a escolha, para futuras reuniões, dos outros concelhos distritais.

Esta decisão foi tomada em 27 de Março último.

«Bodas de Ouro» sacerdotais do PADRE MIRANDA PASCOAL

O Rev. P.e José Augusto de Miranda Pascoal completou, em 19 do mês de Julho que hoje finda, cinquenta anos de sacerdócio.

Natural de Mira, radicou-se em terras aveirenses desde há muito, tendo proficientemente dirigido, na cidade, o Colégio de D. Pedro V; e foi o primeiro pároco da vizinha freguesia de S. Bernardo.

Por isto foi que o Rev.º Padre José Félix de Almeida, hoje à frente daquela paróquia, onde tem desenvolvido notabilíssima actividade pastoral e social, tomou a iniciativa de celebrar as «Bodas de Ouro» sacerdotais do seu antecessor, aliás com geral aplauso de quantos conhecem as virtudes e os méritos do Padre Pascoal e a valia da obra de impulso e consolidação que ele imprimiu à freguesia que, em boa hora, foi confiada ao seu pastoreio.

No preciso dia do aniversário sacerdotal, houve missa, de manhã, na igreja de S. Bernardo, concelebrada pelo aniversariante e pelos Padres Manuel dos Santos Silva, Adérito Abrantes (Arcipreste de Aveiro e Pároco da freguesia de Santa Joana), Messias Hipólito (Secretário do Bispo do Funchal) e João Gonçalves Gaspar (o distinto aveirógrafo que, não há muito, dissertou sobre a paróquia de S. Bernardo, em magníficas palavras, recentemente editadas). À homilia, o Padre Félix explicou a razão daquele solene acto litúrgico, pondo em evidência as qualidades do Padre Pascoal e o merecimento da obra que ele realizou na freguesia. Foi, entretanto, lida uma expressiva mensagem do Venerando Bispo de Aveiro, D. Manuel, na altura ausente no Congresso Eucarístico que decorria em Lourdes, sendo que o Reverendíssimo Coadjutor, D. António, também não pôde estar presente, pelo motivo, ali justificado, de serviço a que não pôde faltar. O templo estava repleto de fiéis que, para além do mais, tiveram o ensejo de ouvir os magníficos coros, com acompanhamento instrumental, dirigidos pelo distinto musicólogo Dr. João Gamboa. Ao órgão, Henrique Lemos.

Seguiu-se um almoço no Hotel Imperial, que reuniu grande número de convivas, designadamente sacerdotes que, por ser domingo, não puderam participar, antes, na missa concelebrada.

Aos brindes, entre outros, falou, pelos paroquianos, Aníbal Canha que, em sucinto, mas expressivo, discurso, pôs em destaque a profícua devotação do Padre Pascoal à freguesia de S. Bernardo, exaltando a continuidade com que o Padre Félix a tem engrandecido.

Tal como o fizera na missa, também ali o Padre Pascoal agradeceu, em sentidas palavras, o preito que lhe prestaram — justificado, diremos nós, com votos de que os 77 anos de idade do Padre Pascoal sejam ainda jovem idade, prelúdio apenas duma velhice feliz.

Portugal vai ardendo!

Conclusão da 3.ª página

próprios como fez o autêntico Nero!

Nem tão-pouco as próprias populações se acautelam fazendo polícia por sua iniciativa, interajudando-se, colaborando na defesa da propriedade dos outros, auxiliando a salvarguardar a riqueza que, sendo de outrem, é também do País, porque este dela depende e com ela se fortalece e valoriza.

Ficar indiferente ao que se passa com o vizinho, deixar de informar oportunamente o que viu, para depois, e só depois, já com o desastre consumado, ir dizer que vira isto ou aquilo, que alguém lhe parecera estranho, etc., é de uma pusilanimidade de bradar aos céus!

Mas não há dúvida que Portugal vai ardendo, não só pelo fogo que faz chamas, fumo e cinzas, mas também pelo fogo interior que consome as almas, os espíritos, a razão, a fé, todo o gosto pela vida e esperança em melhores dias para os nossos filhos e netos!

Não nos iludamos com o estado de coisas em que se vive. A realidade tem de ser encarada tal qual é e, consoante as circunstâncias, os homens têm de mostrar o que valem, sacrificando-se para salvação daqueles que um dia neles confiaram. Não sendo assim, não persistam no erro, porque fazê-lo é cavar a vala comum de todos nós, novos e velhos!

Contrariamente ao que muitos supõem, os homens não nasceram para mandar — melhor: para comandar, dirigir, encaminhar, decidir. Os homens nasceram para obedecer aos Chefes, aos que têm capacidade de comando, visão dos acontecimentos, coragem moral para enfrentar as duras realidades, espírito criador, sabedoria e humildade bastante para não perderem a cabeça com as vaidades mesquinhas e as ambições desmesuradas.

Sem Chefes, os Povos tornam-se rastejantes, perdulários, sempre à beira do abismo!

Porém, os verdadeiros Chefes, digamos, os Condutores de Povos, não se improvisam nem se fabricam: nascem já com o génio dentro de si, e aperfeiçoam-se pelo estudo e pela experiência. Quando um dia surgem, particularmente nas situações críticas, é neles que todos os olhares e esperanças se concentram. E se têm a dita de encontrar leais e competentes servidores, o êxito é quase garantido. Todavia, atraiçoados pelas costas, baqueiam como qualquer mortal.

Enfim, os males de um País porvêm das falhas daqueles que um dia se fizeram passar por Chefes sem contudo terem estofo moral, intelectual e físico em nível suficiente para as funções. Saliente-se que a «firmeza de carácter» é a pedra angular do autêntico Chefe, sem a qual todas as outras virtudes ruirão estrondosamente.

Mas, como perguntava certo scritor: «Où sont les Chefs?».

24.Julho.81.

MARCOS

CARTAZ DOS ESPECTÁCULOS

— Teatro Aveirense

Sexta-feira, 31 — às 21.30 horas — STUNT ROCK — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Sábado, 1 de Agosto; e domingo, 2 — às 15.30 e 21.30 horas — O DIREITO DE SER FELIZ — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Sábado, 1 — às 24 horas (Meia-Noite Especial) — O SELF-SERVICE DO SEXO — Interdito a menores de 18 anos.

Terça-feira, 4 — às 21.30 horas — EBIRAH - HORROR DOS OCEANOS — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Quarta-feira, 5; e quinta-feira, 6 — às 21.30 horas — O SEMINARISTA — Não aconselhável a menores de 18 anos.

— Cine Avenida

Sexta-feira, 31 — às 21.30 horas; sábado, 1 de Agosto, e domingo, 2 — às 15.30 e 21.30 horas — AVENTURA EM ATENAS — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Segunda-feira, 3 — às 21.30 horas — A VERDADEIRA HISTÓRIA DE BRUCE LEE — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Terça-feira, 4 — às 21.30 horas — O SENHOR FIELDS E EU — Não aconselhável a menores de 13 anos.

— Estúdio 2002

Sexta-feira, 31 — às 17 e 21.30 horas — FÉRIAS ESCALDANTES — Interdito a menores de 18 anos.

Sábado, 1 de Agosto: domingo, 2 — às 15.30 e 21.45 horas; e segunda-feira, 3 — às 17 e 21.45 horas — ALIEN — Não aconselhável a menores de 18 anos.

Sábado, 1 de Agosto; e domingo, 2 — às 18 horas (2.ª Matinée) — EMMANUELLE — Interdito a menores de 18 anos.

FALECERAM:

● Ainda que de há muito enfermo, foi inesperadamente que faleceu, na noite de 21 deste mês, o sr. Manuel de Melo Albino, que residia ao n.º 2 da Rua de Magalhães Serrão.

O saudoso extinto, que foi competente marítimo, gozava da estima de quantos lhe conheciam as virtudes e qualidades, popularíssimo que era em Aveiro, sua terra natal.

Deixou viúva a sr.ª D. Maria Benedita Gaspar de Melo; e era pai da sr.ª Dr.ª Maria Joana Gaspar de Melo Albino, distinta funcionária, nesta cidade, da Caixa de Previdência, esposa do competente funcionário, também em Aveiro, da União de Bancos, sr. Orlando Campos Cruz, de Joaquim António Gaspar de Melo Albino, reputado industrial, conhecido artista plástico e nosso ilustre e devotado colaborador, casado com a sr.ª Dr.ª Maria Claudette da Silva Gaspar de Melo Albino, e do sr. Dr. José Luís Gaspar de Melo Albino, competente funcionário, em Viseu, da Caixa de Previdência, marido da sr.ª Dr.ª Maria da Natividade de Melo Albino, distinta professora do Ensino Secundário.

Após missa de corpo-presente na capela de São Gonçalinho, foi a sepultar, no dia imediato, para o Cemitério Sul.

● Na sua residência em Aveiro, na Viela do Canto, faleceu, no dia 28, o sr. José Maria Saraiva da Fonseca.

Radicado na capital há mais de duas décadas, sendo, inicialmente, funcionário do Ministério do Trabalho e, ultimamente, do Ministério dos Assuntos Sociais, viera de Lisboa para passar férias na sua terra; mas, acometido de dores súbitas, teve de ser internado no Hospital de Aveiro, onde foi (infelizmente sem proveito) operado de urgência.

Saraiva da Fonseca trabalhou nas Fábricas Aleluia, de cujo Grupo Coral foi destacado elemento. Também em Lisboa se evidenciou no meio artístico, sobressaindo a sua passagem pelo Teatro de S. Carlos, tendo o Litoral evidenciado, em entrevista e na devida altura, os talentos do saudoso extinto.

Deixou viúva a sr.ª D. Maria Dolorosa da Fonseca Ribeiro Saraiva da Fonseca, devotada e competente funcionária da Presidência do Conselho da Comissão da Condição Feminina, e era irmão da sr.ª D. Emília Saraiva, residente em Aveiro.

Foi a sepultar, na tarde do dia imediato, da capela da Senhora da Alegria para o Cemitério Sul.

Às famílias em luto, os pêsames do Litoral.

ALBERTO DE OLIVEIRA CARVALHO

AGRADECIMENTO

Sua mulher, filhas, genros, netas e restante família, vêm, por este meio, agradecer a todas as pessoas que se dignaram assistir ao funeral ou de algum modo lhe manifestaram o seu pesar, pedindo desculpa de alguma falta involuntariamente cometida.

Aveiro, 31 de Julho de 1981.

DAR SANGUE

É UM DEVER

Ala Norte do Anfiteatro

Continuação da 1.ª página

sem de se deslocar lá dos cimos do Montemuro à planura arenosa e acolhedora onde está Aveiro.

Curioso é registar que os dois Rios (Paiva e Vouga) mais importantes do distrito são vizinhos na nascença nos píncaros da Serra da Lapa. O Paiva inflecte para noroeste e marca em parte os contornos exteriores do anfiteatro; o Vouga dirige-se abertamente para poente e vem alegrar as terras centrais do distrito e a própria Ria.

Encravado entre os de Arouca, Oliveira de Azeméis e Feira, está o concelho de S. JOÃO DA MADEIRA, pequeno em área mas grande, enorme, pela alma dos seus habitantes. Como freguesia que foi do concelho de Azeméis, é um núcleo populacional muito antigo; mas, depois de, também, ter pertencido a Terras de Santa Maria, conseguiu a sua emancipação administrativa e a promoção a concelho independente. E não ficará por aí.

Na verdade, as suas gentes são estupendas no querer e no bairrismo. Têm a psicologia do homem pobre e ambicioso que, mercê de trabalho honrado, consegue os proveitos da riqueza e as honrarias da dignidade.

A força que possui e o querer que sempre manifesta já se evidenciou desde há mais de um século, quando os franceses da segunda invasão napoleónica, em acto de represália, cercaram na igreja (em domingo, dia de missa) e chacinaram à saída um grande número de naturais. Os sanjoanenses tinham armado emboscada e morto o tente-coronel Lameth e o castigo severíssimo não se fez esperar — isto é: os sanjoanenses, embora prevendo que o pagariam caro, não deixaram de afirmar o seu acendrado patriotismo. Eram bons filhos do glorioso distrito de Aveiro. E se, agora, alberga nos seus muros muitos elementos humanos que parece quererem renegar a afectuosidade aveirense, podemos duvidar da pureza dos seus sentimentos regionalistas. Encaram superficialmente, e apenas, o aspecto económico da vida; valorizam muito as suas relações comerciais com a cidade do Porto; esquecem que, quanto mais assim agirem, mais depressa serão absorvidos pela grande metrópole; isso é precisamente o contrário do espírito, da alma de sempre, dos seus antepassados que, acima de tudo, prezaram a sua independência social e, em vez de serem absorvidos por outrem, souberam libertar-se do jugo de Terras de Santa Maria e de Azeméis. Nem só de pão vive o homem...

Os elementos que lá andam a pedir a integração no Porto não são *Sanjoanenses* de gema. São apenas e somente filiados políticos que cumprem as ordens dos seus patrões. Não têm nem o espírito nem a garra dos verdadeiros *Sanjoanenses.* Estes (os verdadeiros) nunca trairam ninguém. Confiamos.

O concelho da *Feira*, em Terras de Santa Maria, coevo da fundação da nacionalidade, está sediado na Vila da Feira e tem como jóia de grande exibição o seu magnífico castelo com o prestigioso escudo dos Pereiras. Entre os seus alcaides conta-se Ermígio Moniz, irmão do aio de D. Afonso Henriques, que teve participação activa na rebelião culminada na batalha de S. Mamede. Por isso os regionalistas acérrimos sustentam: — «Aqui, nasceu Portugal».

Estamos a ver: quem tais pergaminhos ostenta e pertence ao distrito de Aveiro não é merecedor de ofensa. Não se pode pensar, nem por sombras, que os Feirenses, sempre tão entusiastas na colaboração em manifestações ricas de regionalismo distrital, possam ter agora atitudes anti-regionais lesivas da unidade precisa e necessária a todo o anfiteatro aveirense.

Toda a dama rica tem as suas jóias de estimação; Aveiro tem no seu alforge essa preciosidade que se chama Feira. Não acreditamos que ela *queira* passar-se para o Porto e, se se fizer regionalização sem o consentimento dos povos, desse facto só poderá resultar uma situação que, no mínimo, será inconveniente.

ESPINHO, que há um século e meio era apenas um pequeno aglomerado de «palheiros» habitados por pescadores, teve a primeira casa de pedra e cal em 1843, foi sede de concelho em 1899 (50 anos depois) e é cidade nos nossos dias. A rapidez desta ascensão deve-se ao espírito de iniciativa dos seus íncolas (crescente industrialização), aos benefícios da passagem dos Caminhos de Ferro e aos muito numerosos veraneantes que a procuram e frequentam nos meses de canícula.

Entre esses veraneantes, mais ou menos ilustres, conta-se Unamuno, trazido para aqui durante alguns anos pela mão amiga e fraterna do médico e poeta Manuel Laranjeira, a mais ilustre figura de Espinho.

Mas, além disso, a natureza foi pródiga para Espinho: separou o concelho dos granitos nortenhos. Isolou-o por uma linha quase recta que, partindo do mar logo a norte de Espinho, vai até proximidades de Tomar. Para oriente dessa linha, a Meseta Ibérica; para ocidente, a orla ocidental, mesozóica, onde assenta todo o centro e sul do distrito de Aveiro.

Um jurista diria, portanto, que Espinho pertence ao distrito de Aveiro por *«Direito Natural»*.

Sabemos que está muito próximo da cidade do Porto e que carreia para lá grande parte da sua vida económica; mas também sabemos que, se o comércio com o Porto torna a cidade de Espinho muito dependente da Capital do Norte, a mesma cidade de Espinho já tem indústria própria e forte economia que a tornam em urbe independente. Entre uma dependência comercial precária e uma independência económica crescente, não há que hesitar. Entre os negócios ocasionais e lucrativos de momento e os laços sentimentais e familiares que vinculam os jovens à casa fraterna, a opção preferível é a destes últimos.

A comprová-lo, recordamos as muitas reuniões de há alguns anos em que um distinto escol de Espinhenses, capitaneados pelo ilustre Juiz-Conselheiro Mário Leal, marcava posição destacada nos anseios aveirenses.

Por tudo o que aí fica diremos convictamente:

Pois Castelo de Paiva, Arouca, S. João da Madeira e Espinho são concelhos do anfiteatro aveirense. Pertencem ao distrito de Aveiro.

ORLANDO DE OLIVEIRA

Digressões Dissaboridas

Continuação da 1.ª Página

ralidade sua, reiterada e reexumativa deste cadáver-vivo, o concreto e determinante — e por que não dizer, grato? — caso, o «casus-belli» deste bate-papo amistoso e pacífico.

Litorâneos, de origem, hábito e propensão, ao benévolo «Litoral» nos acolhemos, e na sua generosidade complacente encontro eu tribuna para esta estirada e roufenha série de digressões errabundas, em que venho andando com os meus passos — e, mais precisamente, a minha desalinhavada prosa — cambaleantes, inseguríssimos, que não deixam marcas no caminho. Aliás, não tenho pejo de o repetir, sinto-me, cada dia mais, o sobrevivente de um passado, de que se vai perdendo a imagem mesmo dos aspectos positivos e bons. E do qual facilmente reconhece, na sua modesta condição, que se hajam infundido, com vigor e solidez, neste solo aluvionar pouco consistente, raizes sorventes e criadoras das seivas que por aí se vêem florescer, viçosas, na copa altaneira, rodada e densa do roble em que se vai tornando, e desfigurando, e perdendo os traços hereditários, a cidadezinha arbustiva — «tarmagueiral» — da minha infância e juventude.

Pegajosamente, sanguessugantemente, como o bolor ou qualquer outra espécie parasitária, vou-me agarrando a estas generosas páginas acolhedoras, como — já que em Aveiro estamos e de Aveiro medularmente somos — o aderente mexilhão, enquanto não lhe aniquilam a vitalidade, e depois o não perfuram nalguma sápida espetada, se agarra às pedras, na barra vivificadora, destas terras, de em torno da nossa, que como ela se alentam e empapam com a água do mar, vitalizante.

Não sei, meu magnânimo amigo, — mas espero bem que sim — se me deixa pôr termo agora a este fastidioso folhetim que suscitou com o seu generoso abanão exumatório. Com a sua sacudidela despertadora a um pobre indivíduo que há muito, por circunstâncias imperativas e inelutáveis, e mesmo por vontade e gosto próprios, se recolheu na concha, na ensobreadora luz do interior, ou do interiorizante, na quietude inócua e estioladora, no afastamento de toda a sorte de bulício e de tribuna, já que sem audiência para a voz roufenha e debilitada e, como é óbvio, de improfícua acção no domínio do comum.

Há já muito tempo, nesta septuagenarização transitiva para a meta do «cadáver-morto», que me considero e sinto como mero espectador. Fora da cena, mas de poltrona. A ver, mas sem perder de todo o sentido crítico e a pecha da análise verrumante. Refastelado, quando os maus hábitos rotineiros para que me treinaram impiedosamente me deixam libertas algumas parcelas de tempo da condição artificiosa de bípede — peão de radicação, e vício, e gosto.

Cada vez mais assisto, sem me meter na baralha, porque, muito sinceramente lho digo, a minha intervenção nem adianta nem atrasa. Assisto, e sentado. Sentado, que, além de deitado (como penetrantemente me observou, aqui há uns decénios atrás, o nosso patrício, de origem natal nunca olvidada mesmo nas brumosas paragens britânicas, o perenemente moço Fernando Pessa) é verdadeiramente a posição natural do homem, primata multimilenário e cansado, penosa, artificiosa e pedantemente erecto.

Claro que, apesar de tudo, ainda sou espectador interessado neste teatro da vida, tão trágico como cómico. Mesmo quando me não reconhecem direito de ter voto na matéria. Porque não posso, nem quero, de todo furtar-me mesmo a uma inócua, vã e anónima comparsaria.

Pago o bilhete. Da plateia, do segundo balcão ou da galeria — de onde se disfruta o espectáculo bem do alto. E, repito, refasteladamente, se possível, como julgo competir a um cidadão que já deu o que tinha a dar. Incluo-me, conglomero-me, «amasso-me» na massa anónima, que é o processo de deixar de ser continuando a ser. E de bom grado, porque, além do mais, é comodo, porque se pode persistir em ser, sem que mais ninguém dê por isso.

Costumo e estimo, aliás, tomar o meu lugar, pelo meu pé, claudicante. E sem recorrer, para o ocupar, ao arrumador, nem ao foco com que ele, na penumbra ou em densa escuridão, descobre e indica, solícito e funcional, lugares dos retardatários, trôpegos e incomodativos. Discreta, apagadamente, furtando-me às topadas e aos encontrões, mesmo tenteante e a cambalear como me desloco em todas as circunstâncias, vou também evitando acotovelar quem quer que seja.

Ando, digamos, por dentro do meu casulo. Por aqui à volta, num planalto desta terra sem alturas — horizontal como as águas da Ria em repouso — por umas poucas ruas, traçadas em espaços, que outrora, nos recuados tempos em que Aveiro era vila, ficavam fora da cintura das muralhas quatrocentistas. Desemperro as «dobradiças» por esta «meseta» alavariense que se estende, no máximo comprimento do paralelogramo que essas ruas desenham, mais ou menos desde onde se abriam, espessas e robustas, as desaparecidas portas da Vila (villa, com dois eles, se escreveria ao tempo) e de Vagos. Por aqui, assento arraiais, não solitário, inconvivente e segregado, mas subtraido valetudinariamente. E traço os meus itinerários habituais, entre a Guarda Republicana e a Polícia, que me garantem uma segurança nunca ameaçada, perto do hospital e não muito longe do cemitério para onde espero que me irão os ossos — um dia distante se os meus desejos se cumprirem.

Para aqui vou andando, enquanto respiro os salutíferos ares pátrios, tanto do meu gosto, a ruminar cogitações e lembranças, em geral de frágil base silogística e limitadíssima criatividade potencial, quiçá, inoperantes e inoperacionais.

Mas, repito, há muito que me sinto como mero espectador. E nesta terra, a que me apeguei vitaliciamente, eu sinto-me, quando muito, como um pequeno elo entre o passado e o presente. Tenho-me como um simples espectador, que nem sequer se dá ao trabalho de patear aquilo de que não gosta. Os erros ou aquilo que possa tomar como tal. E, igualmente, nem ao de dar palmas, mesmo que, concomitantemente, me aqueçam as mãos — onde a maior parte do ano não chegam os efeitos acalentadores de um «aquecimento central» irreparavelmente avariado.

Mas reparo, e penitencio-me, de me ter posto a falar de mim, como se — convictamente lho digo — não estivesse a gastar cera com ruim «defunto-vivo». Como se valesse a pena, e francamente me não desagradasse.

Desculpe, meu superlativador amigo. Mas puxou-me pela «taramela». E eu, se começo a dar ao «badalo», nunca mais me calo. Mesmo que não seja para servir e exalçar a Aveiro, que é o mais persistente tema da minha predilecção.

EDUARDO CERQUEIRA

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Faz-se saber que pela 1.ª secção do 2.º Juizo desta comarca e nos Autos de Acção Sumária que o M.º P.º move contra o administrador e credores da massa falida de ANTÓNIO BENTO DOS SANTOS, casado, comerciante, ausente em parte incerta e com último domicílio conhecido na cidade de Aveiro, correm éditos de DEZ DIAS contados da segunda e última publicação do respectivo anúncio citando os credores do mencionado falido, para no PRAZO DE DEZ DIAS, findo o dos éditos, contestarem, querendo, o pedido formulado na referida acção sob pena de serem condenados no pedido que consiste no pagamento da quantia de quinhentos e quatro mil cento e setenta e oito escudos e cinquenta centavos proveniente de custas em dívida nos autos de reclamação de créditos n.º 63/B/76 que correu termos na 2.ª secção da comarca de Cantanhede.

Aveiro, 7/7/81.

O JUIZ DE DIREITO,

a) *José Augusto Maio Macário*

O ESCRIVÃO DE DIREITO,

a) *António José Robalo de Almeida*

LITORAL - Aveiro. 31/7/81 — N.º 1353

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Faz-se saber que pela 1.ª secção do 2.º Juizo desta comarca e nos Autos de Acção Sumária que o M.º P.º move contra o administrador e credores da massa falida de ANTÓNIO BENTO DOS SANTOS, casado, comerciante, ausente em parte incerta e com último domicílio conhecido na cidade de Aveiro, correm éditos de DEZ DIAS contados da segunda e última publicação do respectivo anúncio citando os credores do mencionado falido, para no PRAZO DE DEZ DIAS, findo o dos éditos, contestarem, querendo, o pedido formulado na referida acção sob pena de serem condenados no pedido que consiste no pagamento da quantia de 1 495$00 proveniente de custas em dívida na execução sumária n.º 360/79, da 1.ª secção do 3.º Juizo da comarca de Aveiro.

Aveiro, 7/7/81.

O JUIZ DE DIREITO,

a) *José Augusto Maio Macário*

O ESCRIVÃO DE DIREITO,

a) *António José Robalo de Almeida*

LITORAL - Aveiro. 31/7/81 — N.º 1353

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Segundo Cartório

CERTIFICO, para efeito de publicação, que por escritura de 16 de Julho de 1981, inserta de folhas 4 v a 7 do livro de escrituras diversas N.º 477-A, deste Cartório, — António Gaspar da Silva Cerqueira e mulher Maria Cecília de Abreu Coelho Cerqueira, moradores na Rua de Manuel Firmino, 28, desta cidade, — declararam: que são donos com exclusão de outrem do seguinte imóvel, por o haverem comprado a Manuel Vieira Peralta e esposa Maria Cidália Peralta Vieira, moradores na Costa do Valado, freguesia de Oliveirinha deste concelho, por escritura iniciada a folhas setenta e sete, verso do livro A-Quatrocentos e setenta deste Cartório:

«Casa de três pavimentos, tendo um sótão, na Rua José Estêvão, 62, desta cidade, inscrita na matriz urbana da freguesia da Vera Cruz, em nome do Justificante marido, sob o artigo cento e trinta e seis, com o valor matricial de cinquenta e oito mil trezentos e vinte escudos e descrita na Conservatória do Registo Predial sob o número catorze mil oitocentos e setenta do livro B-Quarenta e dois e cujo direito de propriedade se encontra ali registado definitivamente a favor de Valentim de Oliveira Martinho, pela inscrição número catorze mil quinhentos noventa e nove do Livro G-dezanove, em treze de Maio de mil novecentos e vinte e cinco» — prédio este a que aribuem o valor de trezentos e cinquenta mil escudos, igual ao preço da compra.

O aludido titular de inscrição de transmissão vendeu posteriormente o prédio a Joaquim Francisco Peralta, já no estado de viúvo deste, ou seja, depois de vinte e oito de Julho de mil novecentos trinta e quatro, mas sem que seja possível precisar a data e o Cartório em que foi titulada essa transmissão.

O facto é que o indicado imóvel vem a ser incluido na partilha da herança do referido Joaquim Francisco Peralta, levada a efeito por escritura iniciada a folhas quatro do livro de Escrituras Diversas número trinta e três-B do Primeiro Cartório desta Secretaria, do dia dois de Outubro de mil novecentos quarenta e cinco, constituindo a verba número quatro dessa escritura e foi nela adjudicada ao filho Diamantino Francisco Peralta, o qual veio a vendê-la a António Francisco Peralta, por escritura de vinte e seis de Julho de mil novecentos quarenta e oito, iniciada a folhas quarenta e quatro do Livro duzentos e cinquenta e quatro do ex-Notário Dr. Abel João Saraiva, Livro que se encontra agora integrado no Segundo Cartório desta Secretaria.

Cerca de vinte anos mais tarde, mais precisamente em vinte e oito de Março de mil novecentos sessenta e oito, o ali comprador António Francisco Peralta e esposa, fizeram doação aos filhos dos bens do seu casal, vindo o prédio em causa a integrar a verba número vinte e sete da respetiva escritura, que foi iniciada a folhas trinta e cinco verso, do livro de Escrituras Diversas cento setenta e sete-B, do Primeiro Cartório desta Secretaria; e na partilha levada a efeito simultâneamente foi o mesmo prédio adjudicado ao filho Manuel Vieira Peralta, que o vendeu ao justificante marido pela escritura referida no início.

Todavia, os justificantes ignoram o paradeiro da escritura que titulou a venda feita pelo proprietário inscrito no Registo Predial ao mencionado Joaquim Francisco Peralta, no estado de viúvo deste, bem como o cartório notarial em que terá sido outorgada, muito embora tenham feito diversas tentativas no sentido de a encontrar.

ESTÁ CONFORME AO ORIGINAL.

Aveiro, vinte e dois de Julho de mil novecentos e oitenta e um.

O Ajudante,

a) — **Luís dos Santos Ratola**

LITORAL - Aveiro. 31/7/81 — N.º 1353

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

2.ª Publicação

No dia quinze de Outubro próximo, pelas dez horas, na sede da executada à frente referida, na execução sumária pendente na 1.ª Secção do 2.º Juizo, contra VICTÓRIA & MACEDO, L.DA, sociedade comercial por quotas com sede na Rua João G. Neto, em Aradas, desta comarca, há-de ser posto em praça pela segunda vez, para se arrematar ao maior lanço oferecido acima do valor adiante indicado, o seguinte móvel:

A PRACEAR

— Um transformador de 15 000/400 volts. trifásico, que vai à praça por trinta e sete mil e quinhentos escudos.

Aveiro, 8 de Julho de 1981

O Juiz de Direito,

a) — **José Augusto Maio Macário**

O Escrivão-Adjunto,

a) — **Augusto Guilherme Duarte**

LITORAL - Aveiro. 31/7/81 — N.º 1353

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Segundo Cartório

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que por escritura de 14 de Julho de 1981, inserta de folhas 1 a 3, do livro de Escrituras Diversas n.º 112-B, deste Cartório, o sócio Carlos Alberto Pereira da Silva, cedeu a quota que possuía no capital da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada «PEREIRA DA SILVA & IRMÃO, LIMITADA», com sede nas Agras de Esgueira, freguesia de Esgueira, deste concelho, e autorizou, se isso se tornar necessário, que os seus apelidos «PEREIRA DA SILVA», continuem a fazer parte da firma social.

ESTÁ CONFORME AO ORIGINAL.

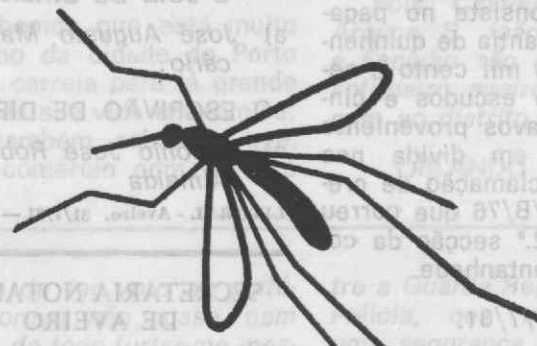
Aveiro, 17 de Julho de 1981

O Ajudante,

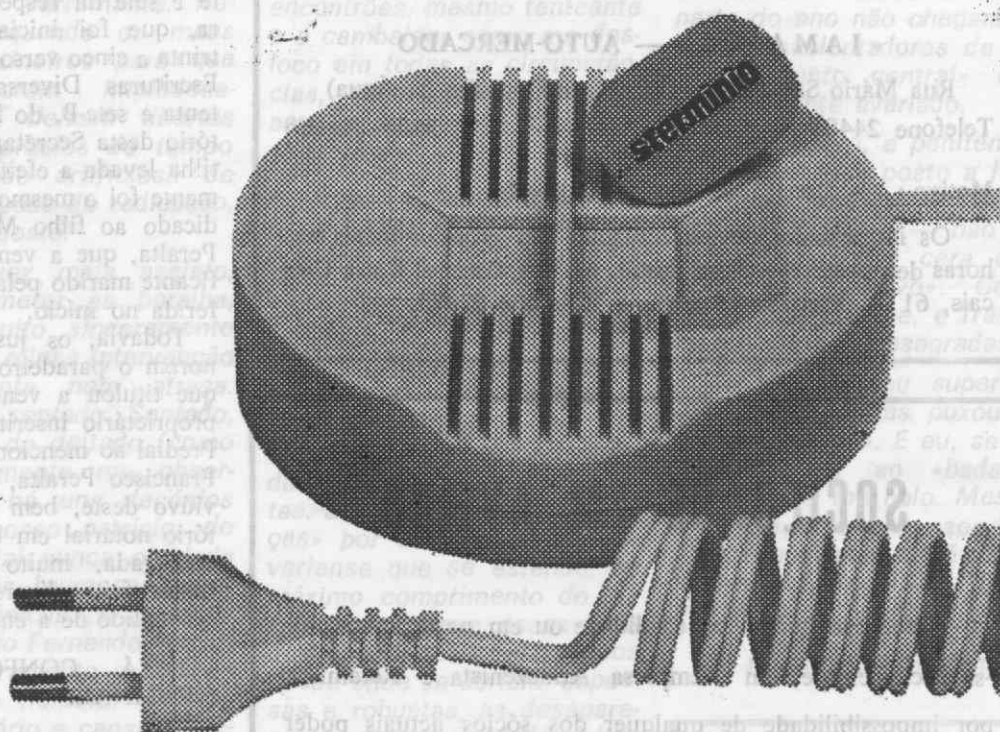
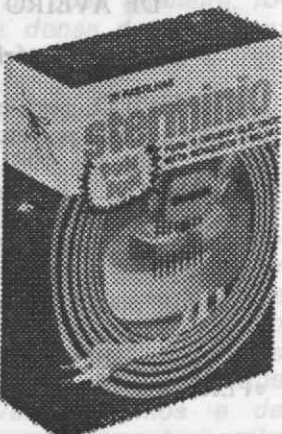
a) — **Luís dos Santos Ratola**

LITORAL - Aveiro. 31/7/81 — N.º 1353

adap. Xano

viver sem mosquitos e sem melgas

sterminio

PODEROSAS PASTILHAS INSECTICIDAS
CONTRA OS MOSQUITOS E AS MELGAS
NÃO ARDEM NEM DEITAM FUMO
NAS NOITES DE VERÃO,
MESMO COM AS LUZES E AS JANELAS ABERTAS
NEM UMA PICADELA DE MOSQUITO NEM DE MELGA

UMA PASTILHA
STERMINIO
DURA TODA A NOITE

DISTRIBUÍDO EM
PORTUGAL POR
SOCIEDADE QUÍMICA INDUSTRIAL SOQUIL, LDA.
INSAO PRODUCTION - MILANO ITALY

Continuações da última página

Em Várias Modalidades

Andrade, eram dos mais sérios opositores dos azuis-e-brancos — encontrando-se, respectivamente, no quinto e no sexto lugar da classificação geral, depois do contra-relógio Águeda-Águeda do passado domingo.

Impossibilitados (por condicionalismos vários) de tecer, hoje, quaisquer outros comentários ao comportamento dos corredores bairradinos e vareiros, aguardamos que a prova termine para, com base nos resultados finais, trazermos a estas colunas um apontamento sobre a participação das equipas do Distrito de Aveiro na Volta/81.

● Na terça-feira passada, 28 de Julho, iniciaram-se os treinos dos futebolistas seniores do Beira-Mar — que, na próxima temporada, serão orientados pelo técnico Vieirinha.

Nas instalações do «Mário Duarte», de manhã, houve a apresentação do novo treinador aos futebolistas (compareceram os jogadores do «plantel» da época finda que continuam em Aveiro — incluindo-se nesse lote Nogueira, que, em 1980-81, actuara na situação de emprestado pelo F.C. Porto — e os reforços conseguidos pelos beiramarenses: Manuel Dias, José Carlos e Pedro, vindos, respectivamente, do Feirense, da Oliveirense e do Oliveira do Bairro).

Ainda de manhã, no Parque Municipal, realizou-se uma sessão de preparação física. E, à tarde, pelas 16 horas, no estádio, os jogadores auri-negros efectuaram mais um treino.

Nos subsequentes dias, a preparação prosseguiu, com treinos no relvado do «Mário Duarte» e sessões de apuro físico, à beira-mar, na vizinha praia da Costa Nova.

A concluir esta nótula, deverá referir-s eque o guarda-redes Lapa — tido como certo nas fileiras aveirenses, até porque se comprometera com o Beira-Mar (que, inclusive, e por conta das «luvas», lhe adiantara já boa maquia...) — acabou por roer a corda, como é uso dizer-se, não honrando a palavra dada aos dirigentes beiramarenses, assinando novo contrato com o Nazarenos... E que o avançado Armando, que jogou pelo Beira-Mar na época finda (embora vinculado à Sanjoanense), não ficará nos quadros da turma de S. João da Madeira, que não prescindiu do seu concurso.

Costa e Mota

treinador-jogador do União de Coimbra e treinador do Ala-Arriba, desligando-se então do futebol. Brioso, sabedor e inteligente, tratou-se de elemento com enorme influência nas equipas beiramarenses (orientadas pelo saudoso Anselmo Pisa), deixando fundas amizades em Aveiro. Vitimado por doença de que vinha sofrendo há já algum tempo, a sua morte, por inesperada, chocou-nos bastante.

Dois nomes — duas saudades, COSTA e MOTA, dois inesquecíveis futebolistas do Beira-Mar, em cujas sepulturas deixamos, hoje, estas flores da nossa sentida consternação.

PESCA

capturaram qualquer peixe, a classificação ficou assim ordenada:

1.º — Ernesto Terceiro. 2.º — António Fernandes da Silva. 3.º — José Soares Ferreira. 4.º — Manuel Martins Vaz. 5.º — Plácido Melo da Silva. 6.º — Eduardo Gomes Gonçalves. 7.º — João José Peixinho. 8.º — José Loura Peixinho. 9.º — João Manuel Pinho. 10.º — José Amaral Pedro. 11.º — José António Ferreira. 12.º — Adalberto Nuno Leitão. 13.º — José Clemente. 14.º — António Ferrão Mano. 15.º — Eugénio Samico Breda. 16.º — Rui Manuel Simões. 17.º — António Malheiro Fernandes. 18.º — Albertino Martins Pereira. 19.º — Jaime Oliveira Gomes. 20.º — António Ferreira Duarte.

Classificaram-se mais catorze pescadores.

Depois deste concurso, a classificação geral do campeonato interno do Recreio Artístico ficou com segue:

1.º — João Manuel Pinho. 2.º — António Fernandes da Silva. 3.º — José Clemente. 4.º — Plácido Melo da Silva. 5.º — José Soares Ferreira. 6.º — Ernesto Terceiro. 7.º — Manuel Martins Vaz. 8.º — Joaquim Alves dos Reis. 9.º — Eduardo Gomes Gonçalves. 10.º — João José Peixinho. 11.º — José Loura Peixinho. 12.º — José Amaral Pedro. 13.º — José António Ferreira. 14.º — Adalberto Nuno Leitão. 15.º — António Ferrão Mano. 16.º — Manuel Alves dos Reis. 17.º — Eugénio Samico Breda. 18.º — Rui Manuel Simões. 19.º — António Malheiro Fernandes. 20.º — António Ferreira Duarte.

Encontra-se classificados mais vinte e quatro concorrentes. No passado domingo, em Mira, o campeonato prosseguiu — com o terceiro concurso da modalidade de rio.

REMO

Aveirenses em Provas Regionais

— Sport Clube do Porto. Não alinharam o Caminhense e o Cdup.

Shell de 2 — c/ Timoneiro

1.º — GALITOS (Carlos, Figueiredo e Horta, tim.). 2.º — Vilacondense. 3.º — Infante D. Henrique. 4.º — Sport Clube do Porto.

Double-Scull

1.º — Vilacondense. 2.º — GALITOS (José Artur e João Ribeiro). 3.º — Infante D. Henrique. 4.º — Cdup.

SENIORES

Shell de 2 — s/ Timoneiro

1.º — Infante D. Henrique. 2.º — Sport Clube do Porto. 3.º — Vilacondense. 4.º — GALITOS (Simões e Veiga). 5.º — Cdup.

Shell de 2 — c/ Timoneiro

1.º — Cdup. 2.º — GALITOS (Luís Filipe, Santiago e Horta, tim.). 3.º — Sport Clube do Porto.

Temos, portanto, que a participação dos remadores alvi-rubros se saldou, no que concerne aos resultados obtidos, de modo francamente positivo.

REGATAS INTERNACIONAIS DE GONDOMAR

No dia 19 de Julho, em Gondomar, numa organização do Clube Naval Infante D. Henrique, disputaram-se — com tripulações portuguesas e espanholas — as **I Regatas Internacionais de Gondomar**, em queo Clube dos Galitos tomou parte, na prova de **Shell de 2, c/ tim. (seniores)**, utilizando um barco que lhe foi emprestado pela colectividade promotora daquele encontro ibérico de remo.

A corrida teve como vencedor o conjunto do Cdup, seguido do Sport Clube do Porto, ficando o GALITOS (Luís Filipe, Santiago e Nifo, tim.) na terceira posição.

Campeonatos Nacionais de Velocidade

Portuense (1876), Clube Naval de Lisboa (1892), Associação Naval 1.º de Maio (1893), Ginásio Clube Figueirense (1895), Sport Clube do Porto (1904), Clube dos Galitos (1905), Clube Fluvial Vilacondense (1905), Clube Naval Infante D. Henrique (1925), Sporting Clube Caminhense (1926), Clube Ferroviário de Portugal (1926), Grupo Desportivo da Quimigal (1937), Centro Desportivo Universitário do Porto (1953), Associação de Remadores de Competição — ARCO (1979), Nautilus Clube de Regatas (1979), Pupilos do Exército (1979), Clube de Caça e Pesca do Alto Douro, da Régua (1981), Pára-Clube Nacional «Os Boinas Verdes», de S. Jacinto (1981) e Associação dos Antigos Alunos do Colégio Militar (1981).

Nestas duas dezenas de participantes, deve anotar-se que dois são estreantes nos Campeonatos Nacionais: o Clube de Caça e Pesca do Alto Douro e o Pára-Clube Nacional «Os Boinas Verdes».

Prevê-se que vão estar em actividade cerca de duzentos remadores.

— A «Náutica» do Galitos conta com apoios diversos (nem tantos quantos os necessários e os desejáveis...), merecendo ser salientados: um subsídio de cem contos, atribuído pela Câmara Municipal de Aveiro; e as colaborações (de índole vária) que obteve da parte do Governo Civil, da Comissão Municipal de Turismo, da Junta Autónoma, da «Portucel», da G. N. R., da P. S. P., do B. I. A., do B. O. T. P. 2 e dos «Bombeiros Novos».

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Faz-se saber que pela 1.ª secção do 2.º Juizo desta comarca e nos Autos de Acção Sumária que o M.º P.º move contra o administrador e credores da massa falida de ANTÓNIO BENTO DOS SANTOS, casado, comerciante, ausente em parte incerta e com último domicílio conhecido na cidade de Aveiro, correm éditos de DEZ DIAS contados da segunda e última publicação do respectivo anúncio citando os credores do mencionado falido, para no PRAZO DE DEZ DIAS, findo o dos éditos, contestarem, querendo, o pedido formulado na referida acção sob pena de serem condenados no pedido que consiste no pagamento da quantia de 7 766$00 proveniente de custas em dívida na execução por custas n.º 25/B/77 que correu termos na 2.ª secção da comarca de Cantanhede.

Aveiro, 7/7/81.

O JUIZ DE DIREITO,

a) *José Augusto Maio Macário*

O ESCRIVÃO DE DIREITO,

a) *António José Robalo de Almeida*

LITORAL - Aveiro, 31/7/81 — N.º 1353

UM DESEJÁVEL "DOPPING"!...

Desenho de GUERRA DE ABREU

SÁBADO e DOMINGO em AVEIRO

CAMPEONATOS NACIONAIS de VELOCIDADE

Em Várias Modalidades

Na final nortenha do Campeonato Nacional da III Divisão, o Sporting Figueirense derrotou, por 81-72, a turma do ESGUEIRA — num jogo efectuado na noite da penúltima quarta-feira, no Pavilhão da Bairrada, em Sangalhos, depois de prolongado período de paragem da prova, em consequência da obsoleta regulamentação que existe no basquetebol nacional.

Assim, os esgueirenses (altamente prejudicados pelo forçado intervalo a que os obrigaram) terão de marcar passo na III Divisão; e os figueirenses — que, na final, com o Técnico, conquistaram o título, ganhando por 86-76 — sobem de escalão, passando para a II Divisão Nacional.

Outra nótula sobre o desporto da bola-ao-cesto, alusiva às duas equipas de Aveiro que continuam na I Divisão.

No SANGALHOS ,continua como treinador principal Alfredo Robalo e o técnico Luís Gonçalves será o responsável pelos juniores. O norte-americano mais português que se encontra no nosso País, William Warner, o popular «Bill», continua no conjunto bairradino, que se reforçou com novo **yanke** — Leon Neal (ex-F. C. Porto) e com Aniceto Carmo (também ex-F. C. Porto), Pedro Rebelo (ex-Benfica) e Vítor Agapito (ex-Olivais).

Foram promovidos os ex-juniores Luís Silva, Herculano Marques e Carlos Gonçalves, mantendo-se quase todo o «plantel» sangalhense. Quanto a saídas, temos as de João Gaspar e Quem Guy (ambos para o Olivais) e de Raul Paula (para a Ovarense).

A OVARENSE iniciará os treinos da turma principal em 9 de Setembro, havendo inspecções médicas nos dias 7 e 8 desse mês. Mantém-se, como treinador, o Prof. Francisco Costa e o conjunto vareiro — para não ficar atrás dos demais participantes no campeonato — vai ter, segundo consta, dois americanos; deverá voltar dos Estados Unidos Greg Chambers e um outro seu compatriota (cujo nome não nos foi indicado) está comprometido com a turma de Ovar, que assegurou já a continuação nas suas fileiras de Cabral e Mário Leite e conseguiu o concurso de Carlos Jorge (ex-Beira-Mar) e Raul Paula (ex-Sangalhos).

Os atletas beiramarenses Arnaldo Abrantes (terceiro lugar nos 100 metros) e Regina Gonçalves (segunda posição nos 1.500 metros) tiveram comportamento meritório nos Campeonatos Absolutos de Portugal, disputados em Lisboa, no sábado e domingo.

Na fase inicial da «Volta a Portugal», em bicicleta, que decorreu com nítido ascendente (individual e colectivamente) dos ciclistas do Futebol Clube do Porto, os chefes-de-fila do Sangalhos-Bosch, Floriano Mendes, e da Ovarense-E.F.S., Joaquim

Continua na penúltima página

AVEIRENSES EM Provas Regionais

Na barragem da Caniçada, no Gerês, disputaram-se, em 12 de Julho, os Campeonatos Regionais de Velocidade da Zona Norte — com a presença de tripulações de nove clubes.

O Clube dos Galitos alinhou em seis regatas, que concluiram como adiante indicamos:

JUVENIS

Double-Scull

1.° — Caminhense. 2.° — GALITOS (Casqueira e João Ferreira). 3.° — Cdup.

JUNIORES

Shell de 4 — c/ Timoneiro

1.° — GALITOS (Diamantino, Pedro, Tó-Pê, Zé e Nifo, tim.). 2.°

Continua na penúltima página

Depois de quatro anos de intervalo, a pista náutica do Rio Novo do Príncipe vai voltar a servir de palco — como já tivemos ensejo de noticiar, no n.° 1351 do LITORAL — aos Campeonatos Nacionais de Velocidade, para barcos do tipo «shell», marcados para amanhã e para domingo, dias 1 e 2 de Agosto.

A Direcção da «Náutica» do Galitos, em conjunto com a Federação Portuguesa do Remo, será organizadora das competições maiores da salutar modalidade — uma vez que os dirigentes federativos acolheram, do melhor modo, a candidatura que os directores da prestigiosa colectividade apresentaram para trazerem as regatas, este ano, para Aveiro.

Isto mesmo nos foi transmitido, na tarde de segunda-feira, em conferência com a Imprensa, pelo Cap. João Carlos Albuquerque Pinto, elemento da Secção Náutica (que se encontrava acompanhado por mais dois dirigentes dos alvi-rubros, José Calisto e João Catão Martins Pereira).

Os motivos que determinaram o pedido do Galitos foram, depois, apontados: chamar a atenção da cidade e do Distrito para o renascer da «Náutica» — a que já se está a assistir, mercê da relevante actividade desenvolvida pelo Cap. Canelas Correia, num palpável reactivar das estruturas humanas e das estruturas de material da Secção; e revalorizar e recuperar a magnífica pista do Rio Novo do Príncipe, empenho que é também comum à própria Federação.

O Cap. Albuquerque Pinto anunciou que virá a Aveiro para assistir aos Campeonatos Nacionais, o Ministro da Qualidade de Vida, que já esta noite, pelas 21 horas, estará presente numa cerimónia (que precederá a habitual reunião de delegados dos clubes) em que serão entregues lembranças oferecidas pela Comissão Municipal de Turismo a todos os atletas que vão participar nas provas e medalhões da cidade aos vinte clubes concorrentes.

Das várias informações que recolhemos, na conferência de Imprensa, apresentamos aos leitores as subsequentes nótulas alusivas à realização dos Campeonatos Nacionais de Remo da época em curso:

— Haverá provas para Iniciados, Juvenis, Juniores, Seniores e Veteranos (masculinos e femininos), nas distâncias respectivamente, de 500, 1000, 1500, 2000 e 1000 metros.

— Estão em disputa trinta taças e serão atribuídas medalhas aos remadores que obtiverem títulos de campeão.

— O Presidente do Júri será o Presidente da Federação Portuguesa do Remo, Eng.° António Vieira da Bernarda.

— As entradas são livres, excepto para a bancada de meta, cuja ocupação se fará mediante o pagamento de bilhetes de ingresso (em medida integrada na campanha de angariação de fundos para aquisição de um «shell» de oito).

— Estão programadas setenta e quatro regatas (eliminatórias, nas manhãs de sábado e domingo; e finais, nas tardes dos mesmos dias), com início marcado do seguinte modo: **Sábado** — 8.30 horas e 16 horas. **Domingo** — 9 horas e 15 horas.

— No sábado, pelas 8.15 horas, na inauguração oficial dos Campeonatos Nacionais, haverá a cerimónia do hastear da Bandeira Nacional e das bandeiras da Cidade de Aveiro, da Federação Portuguesa do Remo e dos vinte clubes concorrentes, que são (pela ordem da sua filiação): Associação Naval de Lisboa (1856), Clube Fluvial

Continua na penúltima página

SECÇÃO DIRIGIDA POR ANTÓNIO LEOPOLDO

• PESCA •

Campeonato Interno do Recreio Artístico

A Secção de Pesca Desportiva da Sociedade Recreio Artístico levou a efeito, em Pessegueiro do Vouga, no passado dia 12, mais um concurso (o segundo da época) da modalidade de rio, a contar para o seu campeonato interno.

Com a presença de 37 concorrentes, dos quais apenas três não

Continua na penúltima página

EM FASE DE ORGANIZAÇÃO

CLUBE DE TÉNIS DE AVEIRO

Tendo em vista a organização do Clube de Ténis de Aveiro, constituiu-se, recentemente, nesta cidade, uma comissão instaladora «ad hoc», que tem vindo a fazer um levantamento das potencialidades tenistas existentes em Aveiro.

Nesse sentido, os desportistas aveirenses interessados na prática do ténis ou na aprendizagem da modalidade deverão dirigir-se a qualquer dos membros da aludida comissão instaladora, para as moradas que passamos a indicar:

António Grangeia (Rua de Manuel Mendes, 41-2.°), Mané Furtado (Rua de Aquilino Ribeiro, 5), João Baptista (Rua de Aquilino Ribeiro, 16) e Paulo Rebocho (Apartado 363).

UM COM A MANIA DAS GRANDEZAS...

Desenho de GUERRA DE ABREU

COSTA e MOTA

DOIS NOMES — DUAS SAUDADES

No passado dia 18, em notícias que lemos no «Diário de Coimbra», tivemos conhecimento da morte de dois antigos e valorosos futebolistas — que marcaram as suas épocas — do Beira-Mar: Joaquim Pereira da Costa e Américo de Almeida Mota.

O «velho» COSTA, **half** e **back-ao-centro** (como então se dizia) de muitas equipas da década de quarenta, foi um dos vários ídolos da nossa meninice, que muito nos impressionou pelo seu amor à camisola, pela sua fibra e pela sua humildade. Teve um fim de vida trágico, já arredado das lides da bola, quando contava 68 anos de idade.

MOTA, que foi campeão nacional de juniores (1953-54) pela Associação Académica de Coimbra, ingressou, anos depois no Beira-Mar, tendo integrado a magnífica equipa dos auri-negros que, em 1958-59, ganhou o Campeonato Nacional da III Divisão. Foi, a seguir,

Continua na penúltima página